



REVISTA DE  
CULTURA POP  
rabisco@rabisco.com.br

3 a 16 de novembro de 2003

equipe | discussão | edições anteriores

## Edição 29

### OS SERTÕES NO TEATRO

Em montagem caudalosa sobre o homem brasileiro, Zé Celso expõe a ousadia de um eterno experimentalista

### MÚSICA ENSOLARADA

Em seu disco de estréia, The Thrills prova que os irlandeses também podem fazer música divertida e descompromissada

### RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM DELATOR

Gênio, revolucionário, indomável, traidor: as muitas faces de Elia Kazan

### O DESABROCHAR DE UM TALENTO

Mesmo contracenando com grande elenco, Alison Lohman demonstra firmeza e domina o sensível *Deixe-me Viver*

### DEZ ANOS ALÉM DO CIDADÃO KANE

Documentário sobre Roberto Marinho faz aniversário invadindo salas alternativas no dia pela democratização da mídia

### VARIEDADE SINGULAR

Exposição reúne obras de arte de toda a carreira de Carlos Vergara e situa a complexidade de seu intenso trabalho

### O HOMEM QUE INVENTOU A DITADURA

O líder gaúcho Júlio de Castilhos entrou para a história como o governante que conduziu a sociologia de Augusto Comte à prática política

**#29:** Quando Tom Cruise aprendeu uma expressão brasileiro-americana

**#20:** Cada ida a banca de jornal nos revela novas publicações e a falta de outras

**#21:** Um dos culpados pela babel de confusões envolvendo material publicado na Internet e seus autores pode ser o próprio internauta

**#1:** Em um tempo não muito distante, existiu um sítio chamado Caderno Zero

**BUSCA**

OK

Picosearch

## MÚSICA ENSOLARADA

Em seu disco de estréia, The Thrills prova que os irlandeses também podem fazer música divertida e descompromissada

por Fabio Freire (fabio\_fcosta@hotmail.com)

**8**andas irlandesas são sinônimo de som pesado e politizado, certo? Errado. A banda **The Thrills** (que, se o mundo for justo, vai se transformar em sensação) joga areia nesse estereótipo e mostra que o sol também pode brilhar lá pelas praias da Irlanda. Bem, pelo menos para quem escutar o divertido e alegre *So Much for The City*, disco de estréia dos garotos. Garotos, sim, já que o quinteto não disfarça que montou a banda para fazer farra e se divertir, não mudar o mundo. E dá-lhe referências a bandas como Beach Boys, The Byrds, Grandaddy e mais outras tantas com melodias alegres e riffs saltitantes.



Mais e daí se os caras não são o cúmulo da autenticidade? O mais importante aqui é guardar a tristeza em um baú velho e se deixar embalar ao som das onze faixas, com direito a uma bonus track, desse álbum ensolarado. A primeira música, "Santa Cruz (You're Not That Far)" começa calminha e pode até enganar alguns, mas logo mostra a que veio com uma batida contagiente e um refrão pegajoso. E se você ainda não se deixou levar, espere até a próxima faixa, a ótima "Big Sur". A música é de longe a melhor do CD e faz qualquer um querer cantar feito uma criança (*Just don't go back to Big Sur / Hangin' around, lettin' your old man down / Just don't go back to Big Sur / Baby baby please don't go*). Os arranjos e a voz no tom certo do vocalista Conor Deasy marcam o ritmo.

"Don't Steal Our Sun" vai seguindo a mesma linha, deixando o álbum com um ar de trilha sonora, perfeito para uma festa na praia regada a muita cerveja e amigos. "Deckchairs &



“Cigarettes” baixa um pouco a bola, começa com um pianinho sem impacto e Deasy praticamente sussurrando a letra da música. A faixa acaba destoando um pouco do conjunto, além de ser mais calminha é uma das mais longas, quase cinco minutos. Mas nada que estrague a diversão, principalmente porque a próxima faixa, “One Horse Town”, devolve ao CD o tom de descontração. O início com uma espécie de órgão, o refrão e os arranjos meio bobinhos empolgam e deixam

aquela vontade de cantar mais uma vez.

“Old Friends, New Lovers” é um pouco mais calma, mas também não atrapalha. Já “Say It Ain’t So” é a mais rapidinha e retrô do CD. Aliás, todo o álbum mantém uma aura anos 60, meio descompromissada com tudo. As músicas vão fluindo de forma espontânea, sem muitos recursos tecnológicos aparentes. E talvez essa seja a grande sacada da banda: tocar de forma profissional, mas sem querer provar nada a ninguém.

A oitava faixa, “Hollywood Kids”, é mais uma derrapada do CD. Além de longa e lenta, os arranjos são chatinhos e a voz de Deasy ecoa desanimada, sem muita vontade. É nessas horas que a gente percebe que a banda é boa mesmo em fazer baladas grudentas e rápidas. Pretensão não combina nem um pouco com o estilo ou com a música que os caras se propõem a fazer. Contudo, a próxima faixa compensa os escorregões. Com um início meio chupado do Gradaddy (“AM 180”), “Just Travelling Through” é singela sem ser chata, melancólica sem ser deprê e, mais uma vez, Deasy acerta nos vocais e a banda na melodia.

“Your Love is Like Las Vegas” segue sem compromisso preparando o terreno para “Til The Tide Creeps In”, outra faixa que apostava em uma bela melodia e um vocal inspirado, e “Plans”, a indefectível faixa escondida que encerra o álbum quase à perfeição. O refrão é uma delícia e mais uma vez comprova o talento da banda para baladas fáceis (*Everybody's got to have plans / She said / Everybody's got to have plans / Cos I can't see you smiling pumping gas*). Ok, a banda pode até não mudar a cara do rock ou mesmo entrar para a história da música, mas, com certeza, quem se arriscar a uma audição do álbum vai ter uma bela surpresa e pode chegar ao fim do CD com um sincero sorriso no rosto. No fim das contas, *So Much for The City* é o som perfeito para embalar um fim de semana perfeito. ☺

